



Universidade Federal do Pará

**Projeto de Pesquisa “Diagnóstica do Engenho Aproaga e seu Entorno a ser Realizado em
Parceria com as Comunidades Locais”**

Processo no IPHAN: Processo nº 01492.000372/2011-75

Contrato Nº 06/2012

PROJETO DE PESQUISA

Patrimônio imaterial, território e memória dos quilombolas do Aproaga

Relatório Etapa III (15/3 a 21/03)

***RIO CAPIM ENQUANTO PAISAGEM ARQUEOLÓGICO: VESTÍGIOS DE
CULTURA MATERIAL***

Relatório Individual:

Fernando Luiz Tavares Marques
Pesquisador

Belém
Abril/2013

Lista de Figuras

Figura 1. Sítio arqueológico em Nova Vida.	7
Figura 2 . São Mateus encontro com lideranças. Os pesquisadores expõem o projeto	8
Figura 3. Registros fotográficos em São Mateus	9
Figura 4. O Sr. Ricardo, liderança de São Mateus, com seus netos	10
Figura 5. Artefatos expostos na Oficina.	10,11
Figura 6. O pesquisador Fernando Marques apresenta o conteúdo do banner	11,12
Figura 7. Os presentes são convidados a manusear os artefatos arqueológicos	13,14
Figura 8. Apresentação do mecanismo de funcionamento dos engenhos movidos pela força d'água	15
Figura 9 . Elaboração da planta do Engenho Aproaga com base nas memórias dos quilombolas	15,16
Figura 10 . Elaboração de croqui da planta do Engenho Aproaga por dois grupos de participantes	16,17

Sumário

Introdução	4
Percurso no alto e médio Rio Capim	5
Narrativas e desenhos na Oficina Patrimônio Cultural e Arqueologia	10
Considerações Finais	17
Referências	18

Introdução

O estudo das referências históricas sobre o rio Capim não pode deixar de reconhecer a contribuição de João Barbosa Rodrigues, que por suas observações, não necessariamente sistemáticas, procurou as conexões entre os povos do rio Capim e os “vestígios arqueológicos” que encontrou em 1874.

Rodrigues frisa a ocupação do Rio Capim e frisa que nas suas margens e nas cabeceiras grupos humanos antigos estabeleceram e desenvolveram suas habitações e cultura material. Estas observações são incomparavelmente mais densas que as do viajante Alfred Wallace, por volta de 1848.

Exatamente 26 anos depois, João Barbosa Rodrigues, em 1875, assinala os vestígios materiais encontrados durante o período de estudos e exploração científica, corroborando a presença indígena nas margens do rio Capim.

Os terrenos elevados mostram sítios arqueológicos e vários deles estão próximos dos pontos visitados pelo naturalista. Outra sinalização está nas falas das pessoas entrevistadas. O sr. Paulo disse que à margem esquerda descendo o rio Capim, na Ilha Gipioca, é um sítio arqueológico, na Tapera, da Comunidade Bom Intento é um lugar que tem muito “caco”, muita cerâmica. Quiandeua também é um sítio.

De acordo com a narrativa de João Barbosa Rodrigues, ao navegar pelo Igarapé Jauaryteua e

“Saltando em terra em um sítio que ahi fica na margem direita pertencente à um velho tapuyo de 74 annos de idade chamado Manoel dos Santos, e percorrendo não só a mata como a sua pequena roça ahi encontrei um machado de pedra de uma fôrma inteiramente nova para mim. Centenares destas armas, inteiras ou em fragmentos, dos nossos índios primitivos, de diversos pontos desta província e da do Amazonas, tem passado pelas minhas mãos, porém, nenhuma affecta a fôrma desta. [...]”

O terreno onde encontrei é bastante elevado, fica 13 metros acima do nível das águas do rio. E mostra ter sido anteriormente cultivado. Pequenos fragmentos de louça de barro também encontrei, mas em fragmentos tão pequenos, que para estudo não serviriam Julgo que pertenceu a belicosa tribu dos Tupinambás, única que a história e tradição conheceram neste rio”.¹

O senhor Raimundo em suas lembranças, também relatou os contatos mantidos e as relações com os indígenas. Não há duvida que o rio Capim é um grande e majestoso sítio

¹ RODRIGUES, João Barbosa. Exploração e Estudo do Valle do Amazonas. RJ: Typographia Nacional, 1875, p. 28-29.

arqueológico, que pode revelar muitas e diversas possibilidades históricas dos grupamentos que ali viveram.

O presente relatório se desenvolve em dois planos: o primeiro as anotações da Excursão realizada entre Quiandeua e Santana; o segundo a Oficina sobre Patrimônio Cultural e Arqueologia que introduziu noções sobre os dois campos de conhecimento e preliminarmente debateu a possibilidade de um trabalho em Arqueologia Computacional orientado para a montagem de uma “maquete virtual” do Engenho do Aproaga.

Percurso no alto e médio Rio Capim

Estudos anteriores indicaram a existência de sítios arqueológicos ao longo do rio Capim. Moraes (2011) introduz o debate sobre Antropologia e Arqueologia e assinala os usos e sentidos do patrimônio cultural e argumenta que este assume centralidade no âmbito de políticas de identidade, relações de pertencimento e memória coletiva de grupos sociais. Na investigação realizada pela autora e que resultou na sua dissertação de mestrado (2012) os Povos do Aproaga que incluem um sítio arqueológico, constituído pelo Engenho do Aproaga, também produzem conhecimentos sobre o sítio arqueológico e a sua valorização. Vários artefatos tem sido colecionados.

No Museu Paraense Emilio Goeldi, o arqueólogo Marcos Magalhães fez diagnóstico preliminar de vários sítios.

As narrativas desde Quiandeua até São Mateus produzem o reconhecimento deste sítio, entretanto são menos atentos aos vestígios que se encontram debaixo dos seus pés.

No período da Excursão a permanência e pernoite, portanto, mais demorada, ou a mais rápida, de duas a três horas significou ter oportunidade de realizar registros sobre este patrimônio e algumas de suas características.

Quiandeua, localizada rio, acima em uma distância estimada de aproximadamente 33 Km, do trapiche de Ribeira foi a primeira nesta agenda de registros.

O povoado está situado na margem esquerda do rio Capim (coordenadas 196053m E / 9721034m S). Durante a viagem, foi possível constatar que em relação ao meio físico a vegetação das margens ao longo do rio se caracteriza com uma predominância de palmeiras Jauari, conforme destacado pelo tripulante do barco, Sr. José Luis. Também observamos ao longo do trajeto, em pelo menos dois pontos ocorrência de praias decorrentes do processo hidrodinâmico de assoreamento de seu leito. A propósito, o rio apresenta cotas bastante rasas em relação ao nível da baixamar média de sizígia, conforme observamos na consulta a

uma obra publicada pela Marinha do Brasil a partir de levantamento batimétrico realizado em 1987 ². Em particular, neste trecho o rio se apresenta marcadamente sinuoso, com seu leito encaixado, definido pela ocorrência de barrancos caídos que expõem as feições estratigráficas, em que se destacam a base em caulim.

Em Quiandeuá conversamos com o Sr. Raimundo Aires, de 73 anos, que por sua idade e vivência na área poderia relatar alguma informação acerca da Fazenda Aproaga. Sobre este sítio Aproaga, o Sr. Raimundo afirmou tê-lo conhecido há uns cinquenta e oito anos.

Em seguida, estimulado por perguntas sobre antiguidades de coisas e lugares, falou que já tinha olhado alguns “cacos” de panelas antigas de cerâmica e também confirmou ter percebido um material que referiu como “pedra de raio” (termo como é referida a lâmina de machado lítico polido), e inclusive já tinha descoberto uma no próprio sítio Quiandeuá. Quando indagado sobre a presença de índios, Sr. Raimundo ressaltou saber de algumas povoações localizadas na parte mais acima no rio Capim.

Após a conversa, quando voltávamos ao barco, ainda nas proximidades de seu terreno e junto a umas mangueiras bastante antigas, foi possível observar no chão alguns cacos de cerâmica, associados a fragmentos de garrafas de vidro âmbar, além de algumas louças históricas³.

Badajóz é um povoado com fortes sinais de desaparecimento; possuiu duas igrejas: católica e “protestante”. De acordo com a pesquisa arqueológica citada, na ocasião do Diagnóstico tratava-se de um sítio arqueológico cerâmico de “grandes proporções”, cujo solo com material atingia a espessura de até 60cm. Embora não tenhamos descido, aproveitamos para aferir neste local junto ao porto as coordenadas GPS e tirar algumas fotografias. Destaca-se que neste trecho, nas margens do rio, já não mais predominam as palmeiras, apenas vegetação de capoeira.

Prosseguindo a viagem rio abaixo, alcançamos a localidade de Santos Reis, que nos dias atuais é uma fazenda com pasto e gado, mas no passado foi uma importante comunidade. Com algumas árvores de grande porte junto à beira e em um terreno elevado, o aspecto do local pressupõe uma ocupação antiga, com registro no barranco de um perfil de solo de coloração escura. Este lugar já havia sido também registrado como sítio arqueológico, de predominância de cerâmica, em um “refugo” de até 60cm de profundidade.

Em “Alegre Vamos” foi possível visualizar uma escola e algumas casas. Trata-se também local elevado, com árvores de grande porte, presumivelmente antigas e aí embora não tenhamos descido à terra, medimos as coordenadas e registramos em algumas fotografias. Um pouco mais adiante, chegamos à comunidade São Raimundo, onde havia sete casas. Aproveitamos uma breve parada do barco para tomar coordenadas e fazer fotos. Em seguida, alcançamos a comunidade Lacraia, localizada na margem direita,

² Marinha do Brasil Hidrografia e Navegação. Croquis de Navegação: Rio Guamá e Rio Capim (Escala 1:25000), 1987.

³ Esta informação é coerente com pesquisa arqueológica realizada anteriormente, pelo arqueólogo Marcos Magalhães, do Museu Goeldi, que indicou nas imediações daquela povoação, dois sítios por ele denominados “Tiandeuá I” e o “Tiandeuá II”.

em lugar elevado, possivelmente ocupação antiga, e aonde morava, segundo o Manoel Clauderi Coutinho da Luz Cléo, um senhor de nome Domingos.

No lugar São Tomé, localizado na margem direita e onde observamos no terreno muitos fragmentos de cerâmica em solo escuro. De acordo com Dona Raimunda, moradora local, havia outro lugar também onde já tinha visto muitos cacos. Localizava-se mais acima, no rio Capim, em sua margem esquerda e ao lado da ilha, sendo conhecido por “Bom Intento”, onde tinha uma “tapera”.

Prosseguindo a viagem descendo o rio mais uns 200m, encontramos a povoação “Canaã”, em um lugar provavelmente antigo, com algumas casas e mangueiras, junto à margem, mas em cota bastante elevada.

Na comunidade “Cipoteua”, situada na margem direita, logo abaixo da boca do igarapé homônimo, em ambiente que também pressupõe uma ocupação antiga, com algumas árvores de grande porte.

Na sequência, localizamos o local que no passado abrigou uma antiga Estação da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM). Atualmente, mostra-se já sem qualquer indício desta ocupação, mas com algumas mangueiras, uma pequena lagoa, e junto à beira, uma rampa em piçarra, usada em tempos recentes para embarque de toras de madeira por madeireiros.

Na povoação denominada “São Luis”, situada na margem direita, e onde tinha algumas poucas habitações. Este local foi também referido na pesquisa realizada pelo Museu Goeldi já mencionada, sendo o sítio reportado como um terraço de 15m de altura, com frequência de material cerâmica em uma área de cerca de 1800m² e com 25cm de espessura do solo arqueológico.

No lugar conhecido como Cajueiro, localizado na margem esquerda. Este local, que já havia sido indicado por Dona Raimunda, (moradora da localidade São Tomé), é um sítio em local elevado, com algumas habitações, em volta das quais pudemos observar em nossa visita um solo bastante escuro. Nesta área inclusive, foi possível registrar a presença de material arqueológico, como um fragmento de louça inglesa produzida em fins do século XIX.



Figura 1. Sítio arqueológico em Nova Vida.

No local do estabelecimento da Companhia de Mineração Imerys, situada em um terreno bastante elevado, e íngreme, com cerca de 15m de altura, à margem esquerda. No local, além do atracadouro e subestação de energia elétrica, destaca-se a abertura de uma larga rampa que dá acesso à estrada para o interior e também permite interligação com a outra margem, onde há um pequeno comércio, através de pequena balsa e barcos. Mais adiante, rio abaixo, também na margem esquerda, encontra-se o alojamento e outras construções.

Na comunidade Santo Amaro, situada na margem esquerda, onde foi notada pouco mais de uma dezena de construções assentadas na encosta suave do terreno. Lá foram feitas algumas fotografias e tomadas as coordenadas geográficas com o aparelho GPS. Em seguida, também na margem esquerda, observamos o lugar denominado “Pontinha”, que tem este nome por estar situado próximo à extremidade montante de uma ilha. Este sítio apresenta o solo de coloração escura, o que sugere ter tido uma ocupação antiga.

Santa Rosa foi objeto de visita curta. Ali paramos para tirar algumas fotos e anotar as coordenadas. Neste local situado na margem direita do rio há várias construções, inclusive uma casa de farinha, algum comércio e é também acessada por estrada. Nas proximidades encontra-se a fazenda pertencente a um dos proprietários da empresa de transporte Transbrasiliana.

A comunidade de São Mateus, localizada na margem esquerda do rio é um sítio com marcante presença de material arqueológico disperso pelo terreno, sobressaindo-se fragmentos de vasilhas cerâmicas, possivelmente pré-históricas. Ressalta-se também o registro de alguns outros vestígios, característicos de sítios históricos, como algumas louças e vidros.



Figura 2 . São Mateus encontro com lideranças. Os pesquisadores expõem o projeto.



Figura 3. Registros fotográficos em São Mateus





Figura 4. O Sr. Ricardo, liderança de São Mateus, com seus netos.

Neste terceiro dia, reiniciando a viagem, porém já sob intensa chuva o que impossibilitou qualquer reconhecimento de possíveis pontos de parada para observação, registro e anotação de coordenadas. Após três horas de viagem chegamos ao porto de Santana do Capim, onde desembarcamos e transportamos as bagagens até a residência do Sr. Claudemir para o pernoite.

Narrativas e desenhos na Oficina Patrimônio Cultural e Arqueologia

A oficina foi um espaço deste trabalho de campo e as atividades foram diversas desde os seus preparativos de exposição do material, entrevistas e conversas paralelas, familiarização com objetos, elaboração de croqui do Engenho do Aproaga até os intervalos para merendar, almoçar. Acrescenta-se que antes visitamos os povoados de Ipixuna e Taperinha para conversar com a senhora América dos Santos, Senhor João Henrique e João, no primeiro povoado.





Figura 5. Artefatos expostos na Oficina.

Procedemos inicialmente então com a apresentação de um painel expositivo com o conteúdo sobre o Patrimônio Cultural e a Arqueologia. Neste sentido foi abordada a variabilidade da natureza dos vestígios materiais e imateriais relacionados aos modos de vida das sociedades no passado e a importância do seu estudo por meio da Arqueologia.



Figura 6. O pesquisador Fernando Marques apresenta o conteúdo do banner.



Foi dada ênfase ao fato do lugar da Fazenda Aproaga, se constituir de fato um sítio arqueológico, e por esta razão estar sujeito a uma legislação que impõe sua preservação. Foi ainda apresentado um resumo das etapas de uma pesquisa de arqueologia, realçando a diversidade das fontes a serem estudadas, como os documentos escritos, as imagens, as construções e também os objetos, além da informação oral dos antigos moradores da área.



Figura 7. Os presentes são convidados a manusear os artefatos arqueológicos

Também, no intuito de explicar como reconhecer os diferentes materiais presentes nestes lugares do passado, foi apresentada uma pequena exposição onde os presentes puderam manusear algumas amostras de material arqueológico histórico, como: vasilhas e cachimbos em cerâmicas; artigos em caulim, como cachimbos europeus; pratos e tigelas em louças de faiança portuguesa e faiança fina inglesa, típicas dos séculos XVIII e XIX; garrafas de cerveja e tinteiros em grés; garrafas e frascos de medicamentos em vidro; e vários artigos em metais, com colheres, moedas e medalhas.

Na sequência, foi apresentado um pequeno resumo do estudo desenvolvido acerca dos engenhos de cana-de-açúcar coloniais no estuário amazônico, ressaltando a importância dos relatos de memórias na interpretação de ruínas de construções ainda existentes nestes lugares.



Aproveitou-se para exemplificar esta possibilidade a partir de uma experiência realizada em 1988 na área de Igarapé-Miri, onde o relato de um morador de mais de 80 anos acerca de antigas obras de barragens, canais e calhas localizadas em igarapés sujeitos às inundações diárias, resultou em uma revelação inédita: a energia das marés serviu de força motriz para fazer funcionar antigos engenhos.



Figura 9. Apresentação do mecanismo de funcionamento dos engenhos movidos pela força d'água.

Com base nesta reflexão foi sugerido então aos presentes que fizessem o exercício de lembrar como era o prédio do Engenho Aproaga. Nesta atividade, foram organizados quatro grupos de indivíduos para que com uso de lápis e papel, desenhassem o que poderiam lembrar do antigo casarão. O objetivo, tal qual no estudo de Igarapé-Miri, é o de elaborar uma maquete eletrônica do prédio, com suas características arquitetônicas marcantes.

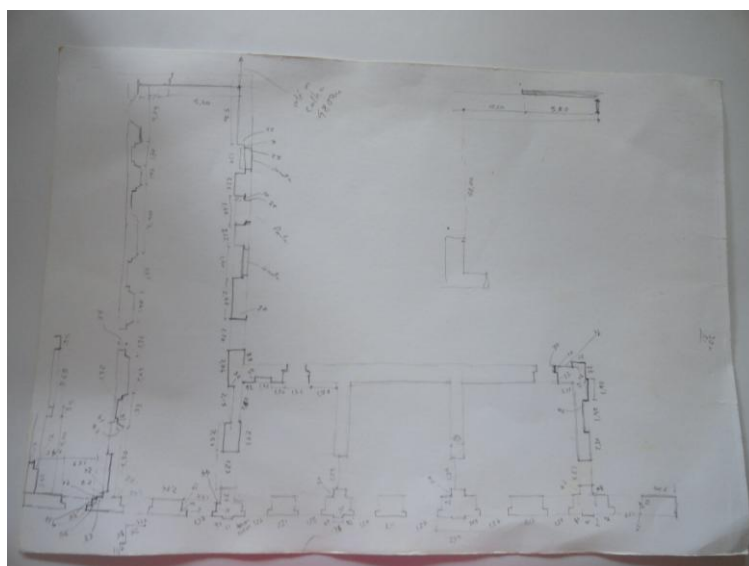


Figura 9. Elaboração da planta do Engenho Aproaga com base nas memórias dos quilombolas.





Figura 10 . Elaboração de croqui da planta do Engenho Aproaga por dois grupos de participantes

No final desta sessão, como de fato houve pouco tempo durante aquele dia para desenvolver tal atividade, ressaltamos que continuaremos na próxima etapa de campo.

Considerações finais

Os dois eventos descritos neste Relatório de campo guardam estreita relação com as práticas de pesquisa sobre patrimônio cultural enfatizando a Arqueologia em dialogo com a Antropologia. Durante a excursão e com cada grupo que foi estabelecida uma relação de pesquisa indagou-se se conheciam o Engenho do Aproaga. Não houve caso de uma resposta negativa. Todos conheciam e se vincularam de diferentes formas: como remoto lugar onde trabalharam os avos, os pais; como transportadores de madeira para o beneficiamento na serraria que nele funcionou; como recordação de ter passado varias vezes na sua frente. Na identificação de sítios arqueológicos a equipe conferiu a quantidade e a diversidade dos sítios, assim como indícios de sua ancianidade.

Na oficina houve avanços na “reconstituição” pelas falas de como era o edifício, embora outras estratégias de pesquisa devem ser elaboradas para que progressivamente se tenha uma percepção mais completa. Nesta oficina foram levadas fotografias do prédio, desde o exterior. As janelas, as portas parecem os marcadores mais importantes. Entretanto, houve diferenças de apresentação das salas, dos corredores, das portas. Será que a organização em pequenos grupos facilitaria este exercício. Aqui lembramos que alguns participantes fizeram questão de conversar com o pesquisador, interpretando que estavam sendo feitas descrições inconsistentes.

Como sugestão para a próxima etapa de campo deverá ser dada continuidade a este procedimento tentando as experiências por grupos diferenciados de acordo com o conhecimento e as qualidades das narrativas.

O grupo manifesta um notável interesse no patrimônio representado pelo Aproaga e a ênfase da pesquisa possibilitará aguçar diversas formas de interpretação. Aos arqueólogos, antropólogos e historiadores da equipe nos corresponde compreender os significados atribuídos a este monumento vivo, mesmo com sinais de arruinamento. Os sentidos de perda, ganho, conquista estão associados à identidade coletiva dos quilombolas do Aproaga, que pela proximidade realizam apropriações singulares.

Referencias

MAGALHAES, Mauro. Relatório Técnico de Prospeção Arqueológica do Rio Capim. Belém. MPEG, 2000.

MARINHA DO BRASIL Hidrografia e Navegação. Croquis de Navegação: Rio Guamá e Rio Capim (Escala 1:25000), 1987.

MORAES, Irislane Pereira de. Novas centralidades do Patrimônio na Amazônia? Arqueologia Etnográfica entre povos quilombolas do Aproaga, São Domingos do Capim (PA). XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador, 7 a 10 de agosto de 2011.

http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308351872_ARQUIVO_NOVASCENTRALIDADESOPATRIMONIONAAMAZONIA_IrislaneMoraes.pdf

MORAES, Irislane Pereira de. Do tempo dos Pretos d'antes aos Povos do Aproaga: Patrimônio arqueológico e territorialidade quilombola no vale do rio Capim (PA). (p. 237). UFPA/PPGA/Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Outubro 2012.

RODRIGUES, João Barbosa. Exploração e Estudo do Valle do Amazonas. RJ: Typographia Nacional, 1875.